

CURSO BÁSICO DE LIBRAS COM INSTRUTORES SURDOS: UM CAMINHO PARA TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS¹

BASIC LIBRAS COURSE WITH A DEAF INSTRUCTOR: A WAY FOR SOCIAL TRANSFORMATIONS

Carla Leitão da Silva²
Carolina Agostinho de Jesus³
Jaiane Maria Silva⁴
Mônica da Costa Vidal⁵
Renata Fernandes de Matos⁶

RESUMO

Diante de um contexto educacional de dificuldades na escolarização, alguns surdos conseguem desenvolver a Língua de Sinais em um aspecto mais amplo, alcançando níveis de conhecimento que os possibilita se tornar instrutores de Libras, tornando-se aptos a ministrar cursos para ouvintes. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é relatar e refletir sobre as experiências vivenciadas com instrutores surdos durante um Curso Básico de Libras. O curso foi desenvolvido no período de fevereiro a novembro de 2019, o qual foi composto por: aulas diferenciadas, aulas de campo, avaliações, oficinas em escolas e peças teatrais. Com a ocorrência deste, pôde-se experimentar o quão importante e necessário é o estudo da Língua Brasileira de Sinais para a inclusão.

Palavras-Chave: Inclusão; Educação; Língua Brasileira de Sinais.

ABSTRACT

Faced with an educational context of difficulties in schooling, some deaf people are able to develop Sign Language in a broader aspect, managing to reach levels of knowledge, thus enabling them to become Libras instructors, being able to teach courses for listeners. In this sense, the objective of this work is to report and reflect how acquired experiences

¹ Uma versão preliminar e parcial do trabalho foi apresentada no I Congresso Internacional Virtual de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação do IFCE.

² Mestranda em Educação pela Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba. Estudante de Especialização em Mídias na Educação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Ceará. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4149-1910> E-mail: carlaleitaobio@gmail.com

³ Graduada no Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu – FECLI, da Universidade Estadual do Ceará-UECE e Pós-graduanda no Curso de Especialização em Ensino de Ciências e Matemática, pelo Instituto Federal do Ceará-IFCE. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9150-6626> E-mail: carol.agostinho@aluno.uece.br

⁴ Graduada no Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu – FECLI, da Universidade Estadual do Ceará-UECE e Pós-graduanda no Curso de Especialização em Ensino de Ciências e Matemática, pelo Instituto Federal do Ceará-IFCE. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6071-0771> E-mail: jaiane.maria.silva07@aluno.ifce.edu.br

⁵ Graduada no Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu – FECLI, da Universidade Estadual do Ceará-UECE e Pós-graduanda no Curso de Especialização em Metodologia de Ensino de Biologia e Química, pela Faculdade Futura. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2742-4906> E-mail: monica.costta26@gmail.com

⁶ Graduada em Engenharia Agrônoma pela Universidade Federal do Ceará-UFC, Mestra e Doutora em Agronomia pela Universidade Federal do Ceará. Atualmente é professora do curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Ceará, atuando no setor de genética e evolução. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4394-5218> E-mail: renata.matos@uece.br

Recebido em: 10 de junho de 2021

Aceito em: 18 de novembro de 2021

and experiences with deaf instructors occurred, during the development of a Basic Course in Libras. The course was developed from February to November 2019, through some stages: differentiated classes, field classes, evaluations, workshops in schools and plays. In this way, it was possible to pass on how important the study of the Brazilian Sign Language is for inclusion.

Keywords: Inclusion; Education; Brazilian Sign Language.

1. INTRODUÇÃO

Os surdos ao lutarem pelo seu lugar de aprender dentro das instituições escolares, passaram por diversos conflitos, como a batalha pelo reconhecimento e uso pela Língua de Sinais (Libras), bem como a luta para reverter a proibição de seu uso. Mesmo após várias conquistas nesse cenário, como a sua acessibilidade a escola e a regulamentação do intérprete de Libras, muito ainda precisa ser superado, como o fato de a maioria das escolas não possuir suporte suficiente para receber alunos surdos, o que acaba comprometendo seu processo de ensino e aprendizagem (Correia, Ferraz, Souza & Camilo, 2019).

A Libras representa assim para o surdo a sua forma de se comunicar e entender o mundo a sua volta, bem como a maneira de expressar sentimentos e emoções. Isso acontece principalmente através da gesticulação manual, que é complementada facialmente através de expressões, podendo assim ser igualado ao tom de voz para as pessoas ouvintes (Silva, Maranhão & Nunes, 2020).

Nesse contexto, o intérprete de Libras tem função primordial na mediação da comunicação surdo-ouvinte, principalmente em um ambiente de aprendizagem. Ele é o profissional indispensável para a formação desses sujeitos, já que se torna o responsável por acompanhar as atividades pedagógicas, sendo aquele que media a comunicação da pessoa surda aos professores e aos demais colegas o incluindo assim em sala de aula, sendo necessário que este seja devidamente qualificado. Sendo importante salientar também que a presença de um intérprete não isenta o professor de buscar formação na área (Silva & Oliveira, 2016).

Assim sendo, a inclusão pode ser alcançada de uma forma mais concreta, a qual visa a equidade de oportunidades para todos. Por meio desta, cada indivíduo passa a conquistar sua identidade pessoal, bem como um lugar na sociedade, o que o leva a desenvolver aptidões para realizar escolhas nos mais diversos campos de sua vida (Carneiro, 2008).

Este trabalho foi desenvolvido com base em um Curso Básico de Libras para ouvintes, realizado com instrutores surdos, o qual oportunizou conhecimentos da Língua Brasileira de Sinais tanto para profissionais da educação, como para a população em geral e que possibilitou diversos

momentos de comunicação e interação entre pessoas surdas e ouvintes. Nessa perspectiva, o mesmo tem por objetivo relatar e refletir sobre as experiências vivenciadas durante os momentos formativos, levando os leitores a compreender a relevância dos mesmos.

O interesse pelo desenvolvimento deste trabalho sobreveio da vontade de compartilhar as vivências de aprendizagens que esses momentos proporcionaram, de forma que esta caminhada colocou em evidência o processo de aquisição de conhecimentos como um todo, bem como a proposta da Educação Inclusiva. Nessa perspectiva, esse contexto trouxe questionamentos acerca do olhar sobre a inclusão social, bem como sobre a necessidade imperiosa de alavancar a aceitação e o acolhimento das pessoas surdas.

1.1 A HISTÓRIA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

A representação das línguas faladas ocorre desde os primórdios da humanidade, de forma que diversos povos desenvolveram variadas técnicas para tornar a língua falada em escrita (Aguar & Chaibue, 2015). Contudo, pela ausência de sinais gráficos, não existem afirmações de quando a Língua de Sinais surgiu, entendendo-se que possivelmente esta progrediu juntamente com as línguas faladas (Rodrigues & Valente, 2012).

Por bastante tempo perpetuou-se que as pessoas surdas fugiam dos padrões considerados normais pela sociedade, o que fazia com que muitas famílias isolassem estes indivíduos do convívio social. A falta de reconhecimento da relevância do desenvolvimento da Língua de Sinais prejudicou não apenas o progresso da linguagem, mas também a sua inserção cultural. Em consequência, essa exclusão causou diversos conflitos em diferentes aspectos da vida do surdo (Monteiro, 2006).

De acordo com Diniz (2010), na reta final do século XIX, através das concepções oralistas da época e com o acontecimento de um congresso sediado na cidade de Milão, o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) vetou o uso da língua de sinais na educação das pessoas surdas, por considerá-la como uma forma de comunicação inferiorizada. Com isto, não apenas a educação desses indivíduos foi prejudicada, mas também a sua convivência social, já que eram obrigados a aprender somente através da oralização.

É válido explicar que o método oralista defendia que a forma de ensino mais eficaz de educar os surdos era através da oralização, ou seja, o aluno deveria aprender a falar. A grande questão ignorada pela maioria da época era: “Como o surdo irá falar se ele não ouve?”. O processo de oralização era lento, se comparado ao processo de aprendizagem da língua de sinais pelo surdo, e nem sempre um resultado era

alcançado. Infelizmente esse fato foi ignorado por grande parte dos estudiosos (Araújo & Braga, 2019, p. 121).

Com o avançar do tempo, os surdos começaram a lutar cada vez mais por seus direitos, de forma que o período entre 1970 a 1992 foi decisivo para isto. As instituições de ensino que eram adeptas a oralização começaram a praticar, de forma mais incisiva, a inclusão, o que fez com que a língua de sinais passasse a ser ensinada e praticada nesses ambientes, ganhando assim um espaço mais amplo (Almeida, 2013).

Desse modo, a Libras se consolidou no Brasil primordialmente entre os surdos, contando com a sua aplicação nas mais diversas situações (Quadros, 2017). Entre os surdos, a Libras é tida como a primeira língua, e a oral auditiva, no caso do português no Brasil, é tida como segunda língua (Cardoso, 2017).

Esse tipo de linguagem “[...] é o alicerce da inserção do surdo no ambiente social, e, para afirmação e efetivação dessa inclusão, é necessário que não só o surdo, mas também a população à sua volta, esteja preparada para recebê-la” (Moura & Leal, 2019, p. 3). A Língua Brasileira de Sinais é regulamentada pela Lei Federal nº 10.436 de 24 de abril de 2002, a qual oficializa os sinais como uma língua originada das comunidades de pessoas surdas do Brasil (Brasil, 2002).

Tal reconhecimento é um passo importante para os direitos linguísticos dos surdos, os quais passam a ter poder de comunicação e expressão por meio de sua língua, o que é visto como uma transformação social quanto à valorização e uso da Libras por pessoas surdas e ouvintes. A referida lei admite assim que a Libras é: “[...] a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora constitui um sistema de transmissão de ideias e fatos [...], oriundos de comunidades de pessoas surdas no Brasil” (Brasil, 2005).

1.2 O ENSINO DE LIBRAS

A Escola como um todo tem o dever de inserir o estudante no espaço social e cultural, pois a educação além de ser um direito, também é para todos (Brasil, 1988). Diante disso, conhecer a necessidade de cada um torna-se necessário, e, nessa perspectiva, o ensino da Língua Brasileira de Sinais tem uma grande importância e a escola uma grande responsabilidade, competendo a esta educar e promover a inclusão para surdos (Daxenberger & Silva, 2018).

A língua de sinais é específica entre localidades, pois o corpo é utilizado para definir os sinais, de forma que para os surdos esta é uma língua natural, que o ajuda a expressar e formar conceitos

(Brasil, 2004). Quando se fala em linguagem de surdos, é aceitável também falar que a família é uma ponte que faz a ligação para a vida social, pois a educação de língua de sinais é um fator importante para familiares (ouvintes ou surdos) dos surdos (Kelman, Silva, Amorim, Azevedo & Monteiro, 2011).

De acordo com a Declaração Salamanca, em seu Art. 60, tem-se que: “Os pais são os principais associados no tocante às necessidades educativas especiais de seus filhos, e a eles deveria competir, na medida do possível, a escolha do tipo de educação que desejam ser dada a seu filho” (1994, p. 43).

A língua de sinais é muito discutida no âmbito educacional. Entre essas discussões destaca-se a inclusão dos surdos, de modo que ao falar de libras faz-se essencial argumentar sobre esse aspecto, o que, tanto para a escola, como para a família, ainda é algo desafiador. Felizmente, após anos de luta por direitos, o ambiente escolar tem sido considerado como acolhedor para essas pessoas, quando assim comparado com outras épocas da história (Souza, 2020).

Para Sassaki (2006), excluir, segregar, integrar e incluir são as quatro fases da educação para pessoas com deficiência. A exclusão permeou um momento duradouro, existindo ainda, nesse contexto, uma luta social da comunidade de surdos. Já a segregação é um conceito comum no espaço educacional, referindo-se desde a deficiência até o nível de conhecimento. No tocante à integração, esta vem sendo comum, pois pessoas com diferenças frequentam a escola com as demais pessoas que não possuem nenhum tipo de deficiência. Por último, a inclusão é uma luta constante na sociedade contemporânea, pois exige competência e total responsabilidade dos envolvidos (família, escola, profissionais e comunidade) (Carmo, 2018).

1.3 O SURDO COMO EDUCADOR

Segundo Quadros et al. (2009), o desempenho do professor de Libras envolve diferentes contextos, alternando com o ensino da primeira e segunda língua, o que pode ser: ensinar Libras às pessoas que têm ligações com surdos, como familiares e amigos; ensinar Libras na educação, a terapia da linguagem, e nos cursos de formação de professores mais elevados; ensinar Libras na escola de ensino fundamental para alunos surdos (nesta dimensão pode ocorrer como a primeira língua de surdos ou como a segunda língua para alunos ouvintes que convivem com surdos). Os autores também enfatizam que o ensino de Libras como primeira língua é um recurso para profissionais que também são surdos.

Nesse sentido, Lunardi (1998, p.85) destaca que:

A presença do professor surdo na escola representa muito mais que modelo de linguagem e identidade: ele é um articulador do senso de cidadania que se estabelece num processo de relação social. Essa relação acontece entre professores surdos e alunos surdos, porque essa troca social de conhecimentos se reproduz através da língua de sinais.

O Decreto 5.626/2005 aponta que a formação do professor de Libras deve ser oferecida, preferencialmente, ao profissional surdo (Art. 4º, Art. 5º e Art. 6º). Sobre a Formação do Professor de Libras e do Instrutor de Libras, no Capítulo III do referido decreto fica explícito que:

Art. 4º A formação de docentes para o ensino de Libras nas séries finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior, deve ser realizada em nível superior, em curso de graduação de licenciatura plena em Letras: Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa como segunda língua.

Parágrafo único. As pessoas surdas terão prioridade nos cursos de formação previstos no caput.

Art. 5º A formação de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental deve ser realizada em curso de Pedagogia ou curso normal superior, em que Libras e Língua Portuguesa escrita tenham constituído línguas de instrução, viabilizando a formação bilíngue.

§ 1º Admite-se como formação mínima de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, a formação ofertada em nível médio na modalidade normal, que viabiliza a formação bilíngue, referida no caput.

§ 2º As pessoas surdas terão prioridade nos cursos de formação previstos no caput.

Art. 6º A formação de instrutor de Libras, em nível médio, deve ser realizada por meio de: I - cursos de educação profissional; II - cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior; e III - cursos de formação continuada promovidos por instituições credenciadas por secretarias de educação.

§ 1º A formação do instrutor de Libras pode ser realizada também por organizações da sociedade civil representativa da comunidade surda, desde que o certificado seja convalidado por pelo menos uma das instituições referidas nos incisos II e III.

§ 2º As pessoas surdas terão prioridade nos cursos de formação previstos no caput.

Diante disso, Reis (2007) acredita que a presença do educador surdo no processo de formação é de grande importância na composição subjetiva dos alunos surdos, pois esse profissional revela a Libras em sua prática educacional. Essa linguagem de sinais indica os determinantes culturais da comunidade surda brasileira. Esse profissional também possibilita que os alunos surdos, filhos

de ouvintes, se percebam como surdos, podendo aprimorar-se para relacionar-se com outros surdos pelo mundo, o que diferencia a comunicação realizada com seus pais, professores e colegas ouvintes.

1.4 A IMPORTÂNCIA DA APRENDIZAGEM EM LIBRAS PARA OS OUVINTES

A Libras como língua de interesse para ouvintes é um fato recente, antecedendo o reconhecimento da Libras como língua da comunidade surda. Os cursos ministrados para ouvintes aconteciam essencialmente nos grupos isolados de igrejas, escolas e associações (Silva, 2012).

A linguagem de sinais apresenta as mesmas funções que a Língua Portuguesa falada desempenha para os ouvintes, devendo esta ser adquirida, preferencialmente, na interação com adultos surdos que, ao usarem e interpretarem os movimentos e enunciados das crianças surdas na Libras, as insiram no funcionamento linguístico discursivo dessa língua (Ribeiro, 2020).

Ribeiro (2020) aponta também que quando ambos os envolvidos, surdos e ouvintes, têm algum conhecimento da língua materna do outro, o diálogo pode ocorrer com maior fluidez, acontecendo assim uma troca mútua de saberes. Dessa forma, o estudo da Libras por pessoas ouvintes é essencial para o desenvolvimento do processo de comunicação com integrantes da comunidade surda, proporcionando uma interação social e respeitando as diferentes identidades (Silva, 2018).

Mesmo assim, o ensino da Libras para a pessoa não deficiente também desempenha um papel no processo de inclusão. Contudo, o seu uso fica mais restrito no ambiente corporativo devido as políticas de algumas empresas que fornecem o acesso ao ensino da Língua de Sinais para seus funcionários (Silva, Morais & Souza, 2019).

Em ambiente escolar, quando se tem a presença de professores surdos, os alunos podem muitas vezes consultar o intérprete de Libras. No entanto, a interação comunicativa entre o professor surdo e o aprendiz ouvinte é essencial, uma vez que é esse contato, que se desenrola aos poucos, que permite aos alunos ouvintes compreender como essa língua visual se manifesta e se organiza no espaço (Sousa & Vieira, 2018).

As pessoas surdas acabam tendo dificuldades de acesso à linguagem oral e escrita dos ouvintes com as quais convivem. Por isto, as práticas educacionais voltadas à essa população devem considerar tal particularidade, para que assim uma aprendizagem considerada satisfatória seja adquirida (Lodi & Lacerda, 2014).

Segundo Pena e Moura (2016), grande parte das pessoas que buscam a Libras como uma segunda língua são adultos que pretendem ampliar seus conhecimentos sobre a comunidade surda, ou que desejam trabalhar com o atendimento a essas pessoas. As autoras afirmam ainda que a aquisição da Língua Brasileira de Sinais se dá da mesma forma que qualquer outra língua, sendo necessário que métodos e estratégias eficazes de ensino sejam articulados de forma adequada pelos profissionais da educação.

A dificuldade de acesso a uma língua acarreta danos não só para os surdos, mas para os ouvintes que convivem com os mesmos e não conseguem entender suas ideias, seus pensamentos, suas vontades e seus desejos. Aprender a se comunicar com as pessoas surdas dentro de um órgão público mostra a responsabilidade que se tem em atender a todos sem ferir seus princípios e, sobretudo, não fingir que os mesmos existem (Vasconcelos, Barros, Araújo & Correia, 2017).

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A abordagem da pesquisa desse trabalho é de natureza qualitativa, a qual tem por objetivo “[...] compreender os significados dos fenômenos a partir de quem os vivencia, considerando tempos e espaços de atuações e reflexões” (Mól, 2017, p. 502).

Trata-se de um relato de experiência, bem como suas aprendizagens e desafios, vivenciada no ano de 2019 em um Curso Básico de Libras ofertado por uma entidade pública e que foi ofertado gratuitamente, sendo ministrado por instrutores ouvintes e surdos com certificação total de 180 horas.

O objetivo do curso é capacitar profissionais da educação básica e superior, da saúde, e da comunidade em geral, proporcionando aos cursistas o aprendizado e contato com a Libras através dos intérpretes. O mesmo visa a eliminação de barreiras e a disseminação da importância da segunda língua oficial do Brasil, bem como busca favorecer a inclusão educacional e social.

Desde sua primeira turma, é possível observar que houve um aumento significativo de alunos, saltando de duas turmas em 2003, para oito turmas em 2019. Proporcional a isto, houve um aumento também no número de instrutores, passando de um instrutor surdo, para quatro, além da inclusão de instrutores ouvintes ao longo dos anos. Nos últimos quatro anos, as aulas passaram a ser ministradas na mesma instituição de ensino (Tabela 1).

Tabela 1 - Trajetória do Curso Básico de Libras

Ano	Quantidade de turmas	Quantidade de instrutores	Local/Escola
2003 e 2004	2	Um instrutor surdo	Escola A
2005 a 2010	3	Dois instrutores surdos	Escola B
2011 a 2013	3	Dois instrutores surdos e dois ouvintes	Escola B
2014 e 2015	4	Dois instrutores surdos e dois ouvintes	Escola C
2016 e 2017	5	Dois instrutores surdos e dois ouvintes	Escola C
2018	6	Três instrutores surdos	Escola C
2019	8	Quatro instrutores surdos	Escola C

Fonte: As autoras (2021)

Em 2019, quatro turmas funcionaram nos dias de segunda e quarta-feira; e as outras quatro nos dias terça e quinta-feira, ambas no turno da noite, das 18h:30min as 20h:30min, o que se deu de fevereiro a novembro, com quatro instrutores surdos ministrando (duas mulheres e dois homens). O curso foi desenvolvido em algumas etapas, como aulas diferenciadas, aulas de campo, avaliação, oficinas ministradas em escolas e peças teatrais.

Isto têm se mostrado um trabalho pioneiro, onde são oferecidos também cursos de formação de intérpretes e de instrutores de Linguagem Brasileira de Sinais por meio de associações de surdos que atuam na região, juntamente com parcerias feitas com instituições de Ensino Superior, que também são responsáveis pela divulgação e incentivo de participação nessas formações.

Apesar dos avanços que já foram conquistados, ainda há muitos obstáculos a ser superados. Entre estes existe a oferta de uma licenciatura em Letras com habilitação em Libras na região e uma melhor colocação no mercado de trabalho aos jovens surdos (Barbosa, 2018).

A coleta de dados se deu via observação participante. Esse tipo de participação faz parte da etnografia, área de estudo que busca o entendimento do cotidiano dos povos estudados (Angrosino, 2009). Marques (2016, p. 283) afirma que “a observação participante não significa transforma-se em ‘nativo’, mas sim tentar colocar-se no lugar do outro, no seu ambiente social natural”. Zanette (2017, p. 150) constata também que os pesquisadores devem buscar “transformar o fenômeno de investigação em um objeto de pesquisa”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na primeira aula ocorreu a abertura do curso, a qual se deu na quadra de esportes da escola sede da atividade. Esse momento contou com a presença do secretário de educação do município, das três coordenadoras do curso, dos instrutores surdos, de alguns intérpretes de Libras e do presidente da Associação dos Surdos, o qual é surdo e oralizado.

Durante as aulas seguintes, em sala, foi apresentado a apostila que seria utilizada como apoio, contando esta com diversos conteúdos, como pode ser observado na Figura 1:

Figura 1 - Conteúdos ministrados no decorrer do curso



Fonte: As autoras (2021)

O primeiro conteúdo trabalhado foi o alfabeto manual, demonstrando algumas pessoas já conhecer todas as letras, já que esse é um dos assuntos da Libras mais conhecido, estando estampado em diversos meios de divulgação. A maior dificuldade observada foi à flexibilidade dos dedos na hora de representar algumas letras, e isso pode estar associado a falta de prática dos alunos.

O alfabeto manual ou datilológico é uma forma de “escrita” pelas mãos que representa as letras do alfabeto do país de origem. No Brasil, este é composto por 27 formatos, incluindo a letra “Ç”, representando as letras do alfabeto da escrita na língua portuguesa (Gesser, 2009). Além disso, segundo Castro-Junior (2014, p. 37), “a datilologia é muito utilizada pelos falantes de Libras no Brasil. O alfabeto manual ou datilológico é utilizado para expressar nomes de pessoas, nomes próprios, de localidades, empréstimos linguísticos e outros termos que não apresentam um sinal-termo correspondente na Libras”.

Após aprender o alfabeto manual, os alunos conseguiram se comunicar melhor com a instrutora surda, formando palavras com as letras e, conseqüentemente, perguntas e frases. Diante disso, Santo & Silva (2014) afirmam que a representação de soletrar com as mãos do alfabeto, sendo

a parte mínima da língua oral escrita, permite que a junção possa formar palavras, frases e textos, o que é uma das alternativas para a comunicação dos surdos.

Assim, enquanto a turma conseguia formular palavras através do alfabeto manual, a instrutora surda ensinava o sinal dessas palavras. Nesse âmbito, Felipe (2009) afirma que os sinais são formados por combinações de parâmetros descritos, ou seja, falar com as mãos quer dizer se ajustar a parâmetros para formar sinais e, conseqüentemente, frases em um contexto.

Para Trask (2012), para conversar usando a Libras é necessário aprender regras de combinações de sinais. O ensino dos sinais de saudações, cumprimentos, despedidas e de personalidades foi um dos momentos mais interativos no curso, pois foi possível realizar um melhor diálogo em Libras com a instrutora e com os colegas de sala.

A instrutora surda sempre ressaltava a importância das expressões faciais para o significado de palavras e frases em diferentes contextos. Segundo Vale (2019), as expressões faciais também fazem parte da comunicação humana, através delas, podemos revelar emoções, sentimentos, intenções para nosso interlocutor, sendo utilizadas em todas as línguas. No caso das línguas de sinais, as expressões faciais desempenham um papel fundamental e devem ser estudadas detalhadamente.

Para que a turma praticasse os sinais aprendidos, a instrutora escreveu diálogos no quadro, sempre revisando com a turma e solicitando que fossem formadas duplas, para demonstrar e facilitar o aprendizado. Além disso, foi usada a contação de histórias para os alunos interpretar e sinalizar os textos da apostila. Também foram realizadas atividades e brincadeiras, sendo uma delas o telefone sem fio em Libras, o que consistiu em verificar quantos sinais os cursistas conseguiram entender e repassar da primeira até a última pessoa. Nesse contexto, as brincadeiras podem ser utilizadas como “recursos para o desenvolvimento e a aprendizagem de habilidades cognitivas, sociais, afetivas e motoras” (Cotonhoto, Rossetti & Missawa, 2019, p. 38).

Durante o curso foram realizadas duas aulas de campo. A primeira foi uma visita a um supermercado, onde foram apresentados e aprendidos sinais de alimentos, como frutas, verduras, legumes e carnes. Nesse dia foram apresentados muitos sinais, o que facilitou a associação entre o que era visualizado e o seu sinal correspondente. A segunda visita foi a uma praça, na qual foram aprendidos sinais de elementos da natureza e de objetos. A reação das pessoas que estavam nesses lugares foi de curiosidade, onde algumas se interessaram em se inscrever no curso básico de Libras, posteriormente.

Diante disso, Carbonell (2002) destaca que os ambientes fora da sala de aula motivam a mente e a capacidade de aprender. Isto se dá porque estes locais se determinam como espaços estimulantes que, se bem usufruídos, se classificam como um pertinente cenário para a aprendizagem.

Para favorecer a comunicação e a interação entre ouvintes e surdos, a coordenação do curso propôs a realização de uma oficina da Língua Brasileira de Sinais em escolas públicas do município, sendo para isto a turma dividida em grupos que foram direcionados a diferentes instituições de ensino. Essa oficina teve como objetivo proporcionar a inclusão, comunicação e interação entre surdos e ouvintes em diversos ambientes, visando uma real inclusão social.

As autoras do presente trabalho participaram da oficina de Libras que foi realizada no dia 14 de novembro de 2019, no turno da manhã, no horário de 07h:50min as 08h:40min, em uma turma de 3º ano, durante a aula de Português numa Escola de Ensino Médio da rede estadual. Ao entrar na sala, os cursistas foram apresentados aos alunos e os nomes dos mesmos foram sinalizados através do alfabeto manual, momento em que foi explicado também os sinais correspondentes ao nome de cada um, facilitando a sua identificação.

Posteriormente foi perguntado se alguém da turma conhecia a Língua de Sinais e se convivem ou já conviveram com algum surdo. De acordo com as respostas foi percebido que a turma conhece pelo menos um pouco da Libras, e alguns alunos já tiveram algum tipo de convivência, como, por exemplo, um aluno que falou que jogava futebol com alguns surdos, mas que não se comunica muito com eles por não saber Libras, fluindo a comunicação através de alguns gestos. Busato (2018) aponta que ainda há um grande obstáculo no contato entre surdos e ouvintes, justamente pela ausência da Libras no cotidiano dessas pessoas.

Os assuntos trabalhados durante a oficina foram variados, mas correspondentes ao que havia sido ministrado durante o curso (Tabela 2).

Tabela 2 - Assuntos da oficina de Libras

Assuntos/Sinais
Alfabeto manual
Saudações
Números e dias da semana
Histórias de surdos/Meses do ano
Membros da família
Cotidiano escolar

Fonte: As autoras (2021).

Em seguida, foi entregue o alfabeto manual impresso a turma e a professora responsável pela classe, e as letras também foram transcritas no quadro, facilitando a visualização por todos. O alfabeto foi então explicado, e após a sua repetição duas vezes, os alunos foram convidados a soletrar o seu nome em Libras. Apesar de terem se mostrado tímidos, alguns se prontificaram a demonstrar seus nomes através do alfabeto manual, facilitando assim a interação com os cursistas. O alfabeto manual, além dele ser o primeiro contato com sinais para a alfabetização de surdos, também pode ser usado para palavras que não possuem sinalização correspondente.

Foram ensinadas aos alunos também algumas saudações, como o bom dia e boa tarde, e os números cardinais do zero ao vinte. Durante a explicação sobre os números, os alunos demonstraram certa dificuldade, já que os mesmos não sabiam se utilizavam as duas mãos ou apenas uma. Foi notada uma maior participação no momento em que foi introduzido o assunto sobre dias da semana, pois os alunos acharam a sinalização bastante interessante.

Mesmo com a interação da maioria da turma, alguns alunos demonstraram desinteresse, o que pode estar relacionado ao fato da oficina ter contemplado muitas informações em um curto espaço de tempo. A falta de participação e motivação que alguns alunos demonstram na execução de determinadas atividades pode acabar comprometendo o processo de ensino-aprendizagem, bem como a consciência desses alunos frente a questões de interesse social (Trevisan, 2019).

Em seguida foi comentado um pouco sobre a história dos surdos, o que contou com relatos sobre algumas pessoas e sobre os diversos fatores que contribuem para que uma pessoa nasça surda ou se torne surda. Foi apresentada a história de uma mãe que adquiriu rubéola durante a gestação, o que fez com que seus três filhos nascessem surdos. Também foi mencionada a história do presidente da Associação dos Surdos, o qual apresentou um quadro de meningite na infância, o levando à surdez permanente.

Comentou-se também sobre a oralidade, momento em que foi observado uma maior curiosidade por parte de alguns alunos sobre o assunto. De acordo com Quadros (1997, p. 21), “o oralismo é a fase em que se busca ensinar o surdo a falar, como se fosse possível essa aprendizagem da mesma forma que a das pessoas ouvintes”.

A inclusão através de ações como oficinas pedagógicas, precisa garantir transformações e mudanças na visão de professores e alunos, estimulando cidadania e valorização das diferenças. Por sua vez, conhecendo a língua e a cultura, é possível a inclusão da pessoa surda através da comunicação (Silva & Dias, 2014).

Diante dos aspectos observados durante a execução da oficina, foi perceptível que a mesma se mostrou proveitosa para grande parte dos alunos. Mesmo que alguns alunos não tenham aprendido grande parte das sinalizações, certamente estes compreenderam o objetivo de promover a inclusão dos surdos nos mais diversos contextos.

Para concluir o Curso Básico de Libras, a coordenação do curso propôs a realização de uma peça teatral. Diante disso, a turma foi dividida em três equipes, devendo as peças retratar alguma situação que os surdos vivenciam em algum momento de sua vida, ou algo que fosse do seu cotidiano. Nesse contexto, o uso de metodologias ativas, como a encenação de peças, tem se mostrado uma estratégia que une a educação a arte (Valente, Almeida & Geraldini, 2017).

A primeira peça encenada retratou uma situação vivenciada em uma igreja, na qual duas surdas não conseguiam entender o que estava sendo dito, então um ouvinte que entendia Libras se ofereceu para interpretar o culto religioso. A segunda situação tratou de uma surda que ao chegar com muita dor em um hospital não conseguia ser atendida, pois ninguém da equipe compreendia a Língua Brasileira de Sinais. Muitos autores têm identificado uma grande dificuldade de equipes de saúde em acompanhar a saúde dos surdos, já que muitas unidades de saúde não contam com intérpretes, e a pessoa surda acaba dependendo de acompanhantes para que o atendimento ocorra (Oliveira, Celino & Costa, 2015).

Já a terceira equipe ficou responsável por retratar uma situação bastante comum no cotidiano, no qual uma pessoa surda entrava em uma loja de roupas e por não entender Libras, a vendedora tem bastante dificuldade em entender o que sua cliente estava procurando, evidenciando assim que profissionais que trabalham com atendimento ao público devem ser capacitados para entender este tipo de comunicação.

Neste sentido, a prática teatral contribui como instrumento para o processo de aceitação, visto que o trabalho é baseado principalmente no reconhecimento do corpo, nas atividades de expressão corporal e exposição do corpo. Isto favorece também o desenvolvimento de outras potencialidades expressivas que não sejam apenas a voz, como as expressões faciais e corporais (Freitas, 2014).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão na sociedade e, sobretudo, nas escolas está progredindo, de forma que atualmente o município citado nesse trabalho está à frente na proposta da inclusão, tendo ainda

muito a crescer e a acrescentar. Estima-se que cerca de 2000 pessoas desse município e de cidades vizinhas tenham concluído a formação básica em Libras, de forma que muitos estudantes de cursos de licenciatura, pessoas da área da saúde e do comércio se interessem em aprender a língua de sinais, o que pode contribuir com o ensino e atendimento de pessoas surdas.

A partir do relato vivenciado no Curso Básico de Libras, pode-se experimentar o quão importante e necessário é o estudo da língua de sinais para a inclusão e transformação social. Os sinais permitem que os surdos se comuniquem, expressem sentimentos e conquistem seu papel na sociedade. Para os ouvintes, é de grande valor conhecer tal disciplina, podendo, através da comunicação, incluir as pessoas com surdez nas nossas vidas, devendo-se levar em consideração que muitos temos parentes e amigos que possuem a deficiência auditiva.

REFERÊNCIAS

- Aguiar, T. C., & Chaibue, K. (2015). Histórico das Escritas de Línguas de Sinais. *Revista Virtual de Cultura Surda*, 15, 1-28.
<https://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/3%C2%BA%20Artigo%20para%20REVISTA%2015%20de%20THIAGO%20AGUIAR%20e%20KARIME%20CHAIBUE.pdf>
- Almeida, W. G. (2013). *Introdução à Língua Brasileira de Sinais*. v. 6. Ilhéus: UAB/UESC.
<http://www.santoandre.sp.gov.br/pesquisa/ebooks/398613.pdf>
- Angrosino, M. (2009). *Etnografia e a observação participante*. São Paulo: Penso.
- Araújo, H. L. M. R., & Braga, A. C. C. (2019) A história da Língua Brasileira de Sinais. *Revista Educação & Ensino*, 3(2), 117-130. <http://189.112.186.202/index.php/revista-educacao-e-ensino/article/view/44/43>
- Barbosa, H. (2018). *Diário do Nordeste: Iguatu oferece ensino pioneiro em Libras no CE*.
<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/iguatu-oferece-ensino-pioneiro-em-libras-no-ce-1.1909551>
- Brasil. (2004). Ministério da Educação. *Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica*. Brasília-DF. <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lpvol2.pdf>
- Brasil. (2005). *Decreto nº 5.626/2005*. Regulamenta a Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Brasília-DF.
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm
- Brasil. (1988). Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília-DF: Senado.

- Busato, K. B. (2018). *A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como ferramenta de inclusão das pessoas com surdez: um estudo a partir de uma escola pública de Ensino Fundamental de Vitória/ES*. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Direito. Vitória: Faculdade de Direito de Vitória. <http://191.252.194.60:8080/handle/fdv/719>
- Carbonell, J. (2002). *A aventura de inovar: a mudança na escola*. Coleção Inovação Pedagógica. Porto Alegre: Artmed.
- Cardoso, V. R. (2017). Os dicionários da Língua Brasileira de Sinais e suas contribuições. *Revista Sinalizar*, 2(1), 50-66. <https://www.revistas.ufg.br/revsinal/article/view/46235/23377>
- Correia, C. M., Ferraz, A. J., Souza, T. R., & Camilo, T. C. S. (2019). Escolarização de surdos: um caminho com dificuldades e consequências. *Diálogos Acadêmicos IESCAMP – ReDAI*, 2(1), 31-43. <https://revista.iescamp.com.br/index.php/redai/article/view/44/22>
- Carmo, K. A. (2018) *Educação inclusiva com surdos: estratégias e metodologias mediadoras para a aprendizagem de conceitos químicos*. Dissertação de Mestrado em Química. Manaus: Instituto de Ciências Exatas, Universidade Federal do Amazonas.
- Carneiro, M. A. (2008). *O acesso de alunos com deficiência às escolas e classes comuns: possibilidades e limitações*. Petrópolis: Vozes.
- Castro-Júnior, G. (2014). *Projeto Varlibras*. Tese de Doutorado em Linguística. Brasília: Universidade de Brasília. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/17728>
- Cotonhoto, L. A., Rossetti, C. B., & Missawa, D. D. A. (2019). A importância do jogo e da brincadeira na prática pedagógica. *Revista Construção Psicopedagógica*, 27(28), 37-47. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cp/v27n28/05.pdf>
- Daxenberger, A. C. S., & Silva, B. F. (2018). O ensino de Libras, em uma escola no município de Areia-PB, por meio de extensão universitária. *Revista Educação e Emancipação*, 11(2), 194-214.
- Declaração de Salamanca. (1994). *Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais*. Salamanca-Espanha.
- Diniz, H. G. (2010). *A história da Língua de Sinais Brasileira (Libras): um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/93667/282673.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Felipe, T. A. (2009). *Libras em contexto: curso básico – Livro do estudante*. Rio de Janeiro: WaltPrint.
- Freitas, C. R. C. (2014). *Processo de compreensão e reflexão sobre a iniciação teatral de surdos*. [Dissertação de Mestrado em Artes. Brasília: Universidade de Brasília.] <https://repositorio.unb.br/handle/10482/15606>

- Gesser, A. (2009). *Libras? Que língua é essa?* Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo, Parábola.
- Kelman, C. A., Silva, D. N. H., Amorim, A. C. F., Azevedo, D. C., & Monteiro, R. M. G. (2011). Surdez e família: facetas das relações parentais no cotidiano comunicativo bilíngue. *Linhas Críticas*, 17(33), 341-365. <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/3737>
- Lodi, A. C. B., & Lacerda, C. B. F. (2014). *Uma escola, duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização*. Porto Alegre: Mediação.
- Lunardi, M. L. (1998). Cartografando os estudos surdos: currículo e relações de poder. In C. B. Skliar (Org.), *A surdez; um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação.
- Marques, J. P. (2016). A “observação participante” na pesquisa de campo em Educação. *Educação em Foco*, 28, 263-284. <https://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/view/1221/985>
- Mól, G. S. (2017). Pesquisa qualitativa em ensino de Química. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 5(9), 495-513. <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/140/96>
- Monteiro, M. S. (2006). História dos movimentos dos surdos e o reconhecimento da Libras no Brasil. *Educação Temática Digital*, 7(2), 292-302. https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/810/pdf_2
- Moura, C. M. A. B., & Leal, M. E. A. (2019). Libras na saúde: ensino da Língua Brasileira de Sinais para acadêmicos e profissionais da saúde. *Revista Práticas em Extensão*, 3(1), 2-7. <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/praticasemextensao/article/view/1987/1454>
- Oliveira, Y. C. A., Celino, S. D. M., & Costa, G. M. C. (2015). Comunicação como ferramenta essencial para assistência à saúde dos surdos. *Revista de Saúde Coletiva*, 25(1). <https://www.scielo.org/pdf/physis/2015.v25n1/307-320/pt>
- Pena, T. T. S., & Moura, M. L. (2016) O ensino da Língua Brasileira de Sinais como segunda língua para ouvintes na fase adulta. In J. A. S. Salvador, G. M. Santos, M. L. Moura, O. A. Conte, & V. S. Pinheiro. *Estudos e reflexões sobre Língua Brasileira de Sinais*. Toledo: Editora Fasul. <http://fagcoc.com.br/editora-fasul/e-books/livro42.pdf#page=179>
- Quadros, R. M. (1997). *Educação de surdos a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda.
- Quadros, R. M., Szeremeta, J. F., Costa, E., Ferraro, M. L., Furtado, O., & Silva, J. C. (2009). *Exame Prolibras*. Florianópolis. http://www.prolibras.ufsc.br/livro_prolibras.pdf
- Quadros, R. M. (2017). *Língua de Herança: Língua Brasileira de Sinais*. Porto Alegre: Penso.

- Reis, F. (2007). *Professores surdos: identificação ou modelo*. Estudos Surdos II. Petrópolis: Arara Azul. <http://www.librasgerais.com.br/materiais-inclusivos/downloads/Estudos-Surdos-II.pdf>
- Ribeiro, C. S. (2020). *Ensino de libras para alunos ouvintes na educação básica em Uberlândia: uma proposta didática e tecnológica*. [Dissertação de Mestrado Profissional em Educação. Uberlândia: Universidade de Uberaba]. <https://repositorio.uniube.br/handle/123456789/1227>
- Rodrigues, C. S., & Valente, F. (2012). *Aspectos Linguísticos da Libras*. Curitiba: IESDE Brasil.
- Santo, W. F. E., & Silva, V. (2014). A relação do alfabeto manual de libras com a escrita na língua portuguesa pelo estudante surdo. In *Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE artigos*.
- Sassaki, R. K. (2006). *Inclusão: construindo uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro: WVA.
- Silva, J. G. (2018). *Bilinguismo na escola: uma gestão inclusiva para surdos e ouvintes*. <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/2064?mode=full>
- Silva, K. S. X., & Oliveira, I. M. (2016). O trabalho do Intérprete de Libras na escola: um estudo de caso. *Educação & Realidade*, 41(3), 695-712. <https://www.scielo.br/j/edreal/a/zNcKDXPgt9V6VPScRqCb7XR/?lang=pt&format=pdf>
- Silva, M. F., & Dias, M. A. (2014). Oficina de libras com estratégias de formação: interpretação nas áreas de esporte e saúde. http://www.congressotils.com.br/anais/anais/tils2012_formacao_silvadias.pdf
- Silva, N. O., Maranhão, T. L. G., & Nunes, G. C. (2020). Libras um instrumento facilitador: a importância do psicólogo organizacional na inclusão de pessoas surdas dentro das organizações. *Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia*, 14(51), 23-39. <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/2534/4057>
- Silva, R. R. (2012). O ensino da libras para ouvintes: análise comparativa de três materiais didáticos. In N. A. Albres (Org.), *Libras em estudo: ensino-aprendizagem*. São Paulo: FENEIS.
- Silva, V. G. M., Morais, S. E., & Souza, W. P. (2018). Uma plataforma online para o ensino da língua brasileira de sinais (libras) como segunda língua para ouvintes da língua portuguesa. *Anais da 10ª Jornada de Iniciação Científica e Extensão*. Palmas: Instituto Federal de Tocantins.
- Souza, A. S. C. (2020). *A importância do ensino da Libras na educação infantil: desafios e dificuldades na ausência de professor bilíngue*. [Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Inclusão e Diversidade na Educação. Santo Antônio de Jesus: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia]. http://www.repositoriodigital.ufrb.edu.br/bitstream/123456789/2292/1/TCE_Ariadne%20Souza.pdf

- Sousa, M. F., & Vieira, P. A. (2018). Alunos ouvintes aprendendo libras com professores surdos: um estudo sobre crenças. *Transversal - Revista em Tradução*, 4(7), 3-21. <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/38104>
- Trask, R. L. (2012). *Dicionário de Linguagem e linguística*. Tradução e adaptação Ilari R. São Paulo: Contexto.
- Trevisan, M. D. (2019). Relações entre o esvaziamento da função simbólica e o desinteresse discente pelas rotinas escolares. *Educação em foco*, 36, 113-131. <https://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/view/2700/2055>
- Vasconcelos, T. A. S., Barros, M. P. L., Araújo, A. C. S., & Correia, A. A. B. A. A comunicação entre ouvintes e pessoas surdas através da Libras nos espaços públicos. *Revista Semiárido De Visu*, 4(2), 70-76.
- Vale, L. M. (2019). Curso Básico de Língua Brasileira de Sinais – Libras. Enap. <http://repositorio.enap.gov.br/handle/1/4121>
- Valente, J. A., Almeida, M. E. B., & Geraldini, A. F. S. (2017). Metodologias ativas: das concepções as práticas em distintos níveis de ensino. *Revista Diálogo Educacional*, 17(52), 455-478. <https://www.redalyc.org/pdf/1891/189154955008.pdf>
- Zanette, M. S. (2017). Pesquisa qualitativa no contexto da Educação no Brasil. *Educar em Revista*, 65, 149-166. <https://www.scielo.br/pdf/er/n65/0104-4060-er-65-00149.pdf>